

A violência como espetáculo no Antigo Testamento

Luiz Alexandre Solano Rossi*

Resumo: É possível afirmar que a história dos homens e mulheres da Bíblia é marcada por gestos de dominação, de opressão e de violência, seja ela interna ou externa, ou seja, se o som das botas dos soldados dos exércitos imperiais marchando rumo a Palestina causava pânico, também dentro das cidades e, principalmente nas vilas camponesas, os camponeses se sentiam reféns de suas próprias autoridades - fossem elas políticas e ou religiosas. Nesse artigo procura-se demonstrar como a violência se apresenta na história social de homens e mulheres da Bíblia bem como no uso do vocabulário que descreve os agentes, as vítimas da violência e as ações de violência. Muito possivelmente que a monarquia tanto do Norte (Israel) quanto do Sul (Judá), representam um período de aumento incalculável da violência como jamais havia sido visto em período histórico anterior.

Palavras-chave: violência; Antigo Testamento; império; opressão.

Violence as a spectacle in the Old Testament

Abstract: It is possible to affirm that the history of men and women of the Bible is marked by gestures of domination, oppression and violence, either internal or externally, that is, if the sound of the boots of the soldiers of the imperial armies marching towards Palestine caused panic, within the towns and, especially in the peasant villages, the peasants felt hostage to their own authorities - whether political or religious. In this article we try to demonstrate how violence presents itself in the social history of men and women of the Bible as well as in the vocabulary that describes the agents, victims of violence and acts of violence. Quite possibly the monarchy of both the North (Israel) and the South (Judah) represent a period of incalculable increase of violence as had never been seen in an earlier historical period.

Key-words: violence; Old Testament; empire; oppression.

* Luiz Alexandre Solano Rossi é doutor em Ciências da Religião. Possui pós-doutorado em História Antiga (UNICAMP) e em Teologia (Fuller Theological Seminary). É professor de Bíblia no mestrado e doutorado em Teologia da PUCPR e professor na UNINTER.

Introdução

O tema da violência geralmente causa um grande incômodo nos cristãos. Como seria possível conciliar o Deus bruto do Antigo Testamento com o Jesus misericordioso do Novo Testamento? Afinal, o Deus do Antigo Testamento não é o Pai de Jesus, do Novo Testamento? Muitos devem, até mesmo, reconhecer que o Antigo Testamento traz uma herança demasiadamente pesada aos cristãos. Deveríamos, por isso, nos considerar o Marcião da atualidade, que rejeitava o Antigo Testamento? Não podemos aceitar a pressuposição de que Deus seria o promotor da violência. Contrariamente a isso, desde o início, ele se apresenta como um Deus que domina as forças do caos para gerar o cosmos a fim de que a vida possa se desenvolver. Na teologia da criação, portanto, a vida jamais poderia se desenvolver a partir da violência do caos. Há a necessidade da intervenção de Deus, negando a violência do caos, a fim de que a plenitude da vida pudesse se desenvolver. A gênese e noção de violência, sem dúvida, está estritamente relacionada com a realidade social e, dessa forma, mais do que um dado teológico, deve ser examinada como um dado sociológico. Pois nos ajuda a refletir ao afirmar que *a opressão é a ação abusiva do forte sobre o fraco. A violência é uma ação contra a pessoa do fraco e contra os bens do fraco* (1981: 23). E, assim, a justiça social não deve ser compreendida apenas como uma exigência da sociedade. Trata-se, fundamentalmente, de uma questão teológica.

A violência pode ser considerada como a rainha das produtoras de vítimas. Seu rastro deixa uma ação devastadora tanto ontem quanto hoje. Se na literatura bíblica podemos constatar os muitos tipos de violência e de opressão que atingiam os mais vulneráveis, olhares direcionados para o nosso próprio tempo confirmarão que jamais o conjunto dos seres humanos foi tão ameaçado em sua sobrevivência. Vivemos uma época marcada acentuadamente pela lógica da exclusão. E cada vez mais ao grupo de excluídos vai sendo incorporada uma multidão de incapacitados. Vivemos, por exemplo, em um sistema econômico que não apresenta lugar para todos. Uma exclusão cada vez mais sofrida por seres conscientes de que não

nasceram para se tornarem miseráveis, famintos, enfim vítimas de um sistema violento. E assim, acabam por ingressar numa crise histórico-existencial-teológica, ou seja, excluídos completamente de uma sociedade que os rejeita e que não funciona mais, mas fora da qual não há salvação.

Teologia Bíblica da Violência

A história de homens e mulheres do Antigo Testamento pode ser contada a partir do tema da violência. Jamais um povo foi tão agredido tanto interna quanto externamente, isto é, ora a violência era perpetrada por agentes e instituições do próprio povo e ora os agentes da violência marchavam à frente dos grandes impérios. Em grandes linhas poderíamos elaborar a seguinte periodização do tempo marcada pela brutalidade das ações:

- os patriarcas peregrinavam como estrangeiros e imigrantes. Na literatura do Antigo Testamento o estrangeiro somado aos órfãos e às viúvas são costumeiramente reféns da violência;
- no Êxodo, provavelmente um evento que tenha um núcleo de historicidade, todavia, permeado de alusões fantásticas, nos deparamos com escravos sobrevivendo às violentas investidas do império egípcio;
- na época dos Juízes, Israel caiu repetidas vezes diante de forças militares melhor organizadas. Um período denominado de "tribalismo" e que precede e é contrária à organização social monárquica (ROSSI, 2010);
- nos longos séculos de monarquia, tanto no sul quanto no norte, o peso da opressão e da violência se faziam sentir de tal maneira que sangue cobria as ruas de Jerusalém de um extremo ao outro; um período em que se impôs uma sociedade baseada na economia de mercado, ou seja, a avidez do lucro e da riqueza, por uma parte pequena do povo, gerava desigualdades cada vez mais graves e, conseqüentemente, a pobreza e o empobrecimento se alastravam (ROSSI, 2010; FINKELSTEIN, 2018);
- e, finalmente, o barulho das botas dos soldados dos grandes impérios marchando – Assíria, Babilônia, Pérsia, Grécia, Roma – trouxeram o medo paralisador assim como novas e inusitadas formas de violência (ROSSI, 2008).

Um dos mais emblemáticos personagens da violência que vem à mente da maioria das pessoas é o de Caim (Gênesis 4,1). Todavia, literariamente e teologicamente, poderíamos afirmar que Caim continua muito vivo nas relações interindividuais que mantemos contemporaneamente. Caim está muito mais próximo do que possamos imaginar. Ele anda ao nosso lado ou, ainda, caminha em nossos próprios passos. Wenin (2006: 17) relata de forma sábia:

Os comentadores se limitam a apontar a inveja e o ciúme que conduzem Caim a um assassinato, o que significa imputar ao assassino sozinho toda a responsabilidade por sua violência. Isso justificaria o castigo exemplar que ele recebe e faz da misericórdia final de Deus uma graça inesperada. Lendo, contudo, o início da narrativa, pode se ver que a violência de Caim não é *sui generis*. Pelo contrário, ela se enraíza na violência inadequada entre seu pai e sua mãe, e, por conseguinte, entre sua mãe e ele. Bem cedo a vítima dessa violência escondida, Caim é impregnado por ela e, a despeito do convite de Deus a se tornar dono, não consegue domar o animal interior que o faz se erguer contra seu irmão.

Quanto de Caim estaria impregnado em cada um de nós?

A violência e a opressão no mundo bíblico são constantes e consideradas como um mal. Uma possível conclusão que podemos chegar quando lemos grande parte dos textos bíblicos é de que a situação de dominação, de opressão e de violência era uma característica pertinente aos estados de Israel e de Judá. Ainda que fossem Estados que pagassem tributos aos mais diversos impérios, a presença dos empobrecidos era sinal de que alguns haviam se enriquecido demasiadamente, a injustiça era inalterável e se manifestava em todos os âmbitos sociais, enquanto a presença das vítimas passava a ser um verdadeiro incômodo.

Na percepção dos escritores bíblicos a Aliança feita com Javé que protegia as vítimas da sociedade havia sido quebrada; afinal a pobreza na Bíblia não provinha de nenhuma estipulação da Lei, da teologia ou ainda da vontade da divindade, mas era o resultado da violência e da injustiça. Nos relatos bíblicos a figura dos pobres, da opressão e da violência jamais podem

ser circunscritas a um modelo de linguagem abstrata. A linguagem bíblica com relação a esses temas é sempre concreta. A presença de empobrecidos no meio do povo de Deus era um sinal evidente de que alguns se enriqueceram demais e que, portanto, a aliança havia sido quebrada. Por isso, o pobre tornou-se uma presença incômoda. Mesmo sem falar nada, a simples presença da vítima era um grito que interpelava a consciência da nação. Jamais a divindade do Antigo Testamento se manifestaria no poder capaz de gerar a morte.

A violência inimiga do igualitarismo desenvolve uma injustiça ainda maior: a injustiça que obriga quem nasceu pobre a continuar pobre. Como se a pobreza fosse, afinal, um fardo hereditário e não um acidente da história; um fato de ordem genética e não social. Nesse sentido, seguindo a percepção de Rossi (2012: 204) *o outro se torna necessariamente tanto o nosso inferno quanto a nossa fonte primordial da violência*. Mas há uma certa particularidade na leitura do Antigo Testamento relativamente à violência. Não são todos os do povo de Deus que a vivenciam de forma simultânea. A violência se volta de forma dupla para a parcela mais fraca dentro do povo de Deus. Nesse sentido, é possível afirmar que os opressores que causam a violência no interior do povo de Deus não são menos perigosos do que os agressores estrangeiros.

É notório que em toda a história do povo da Bíblia houve poucos momentos - e sempre muito breves - em que a situação característica não fosse de dominação, de opressão e de violência, seja ela interna ou externa. Se o som das botas dos soldados dos exércitos imperiais marchando rumo a Palestina causava pânico, também dentro das cidades e principalmente nas vilas camponesas o povo se sentia refém de suas próprias autoridades - fossem elas políticas e ou religiosas.

A violência, portanto, não é estranha aos textos bíblicos - Hanks (1982: 21) chega mesmo a afirmar que *a opressão é uma categoria básica da teologia bíblica*.

A Violência por mãos dos Impérios

Violência e opressão tinham suas conseqüências vinculadas ao estabelecimento de relações de dependência e de empobrecimento. Nessa perspectiva a violência, a miséria e a pobreza eram vistas como anormalidades. Um bom exemplo é dado pelo profeta Jeremias que sublinha a crueldade e as terríveis armas dos exércitos dos invasores: *Estão armados com arcos e flechas e espadas. São cruéis, não têm piedade. Eles vêm montados em cavalos, fazendo o barulho do mar quando está bravo* (Jeremias 6.27); *Os seus carros de guerra e os seus cavalos são mais rápidos do que as águias, são como uma forte ventania* (Jeremias 4.13); *Quando ouvirem o barulho dos cavaleiros e dos atiradores de flechas todos sairão correndo* (Jeremias 4.29).

Para a infelicidade dos camponeses de Israel, seu território incluía o rico vale de Jezreel que era cobiçado por todas as potências da região por sua importância como via de comunicação entre as planícies da costa do Mediterrâneo e a bacia mesopotâmica. O controle econômico e estratégico da Síria-Palestina era constantemente perseguido pelos estados fortes do triângulo compreendido pelo Egito, Mesopotâmia e Anatólia.

Pode-se dizer que a guerra era um reconhecido instrumento de política internacional no antigo Oriente Próximo e era considerado um recurso em situações que geralmente compreendiam quebra de tratados ou de padrões implícitos de comportamento internacional. Entre as possíveis causas que poderiam deflagrar uma guerra, destacaríamos os atos hostis das tropas ao pilhar o campo ou investir contra cidades, ou seja, agressão, hostilidades contra um estado aliado, retenção do tributo pelo vassalo, assassinato ou deposição de um vassalo leal.

Mas não pensemos que a ocupação militar das áreas conquistadas era permanente. Entre as razões que poderíamos destacar para afirmar que a ocupação militar não era permanente estão: falta de mão de obra, a natureza do terreno e o não desenvolvimento de tecnologia. Se a dependência em relação aos tratados não fosse assegurada pelos governadores, os

conquistadores faziam campanhas militares periódicas. Porém, salientamos que as grandes distâncias estavam envolvidas e que nenhuma região do império poderia ser visitada durante muitos anos. Para resolver esse problema, os impérios utilizavam de persuasão psicológica de um governo forte e de um sentido de estabilidade política e econômica para contrabalançar a sobrecarga da subserviência e do custo do tributo.

Talvez não fosse difícil para o povo da Bíblia ouvir *as botas dos soldados que pisam com estrépito e ver todas as suas roupas manchadas de sangue* (Isaias 9.5). A ação imperialista não podia passar despercebida. Olhos e ouvidos foram testemunhas dos avanços das botas dos soldados e do rio de sangue que se espalhava em todas as direções. O profeta Joel compara o avanço das invasões militares estrangeiras à pragas de gafanhotos de forma dramática:

Será um dia de escuridão e trevas, um dia de negras nuvens. Os gafanhotos avançam como um exército enorme e poderoso, como uma nuvem escura que cobre as montanhas. Nunca houve uma coisa assim no passado e no futuro nunca mais haverá. Eles devoram tudo, como se fossem fogo, como o fogo que queima e destrói. Antes de chegarem, a terra é como um paraíso; mas, depois de passarem, ela parece um deserto. Os gafanhotos acabam com tudo! Eles parecem cavalos e correm como cavalos de guerra. Vêm saltando no alto das montanhas, fazendo barulho como carros de guerra, como galhos secos estalando no fogo. São como um enorme exército posto em ordem de combate. Eles vão avançando, e todo mundo treme, todos ficam pálidos de medo. Eles atacam como soldados valentes; correm, sobem pelos muros e continuam sempre avançando. Marcham em linha reta e não empurram uns aos outros, pois cada um segue o seu caminho. Marcham sempre em frente, e não há armas que possam fazê-los parar. Eles atacam a cidade, sobem pelas paredes das casas e entram pelas janelas como ladrões. Avançam sem parar, e a terra treme, o céu estremece, o sol e a lua se escurecem, e as estrelas deixam de brilhar (Joel 2.2-10).

Outros textos da literatura bíblica também são bons indicativos: Juízes 6.3-5; 7.12; Jeremias 36.23 e Naum 3.15-16. Porém o texto de Naum é exemplar, pois compara os soldados que estão destruindo Nínive a gafanhotos: *Mesmo assim o fogo vai devorá-la e a espada vai liquidá-la. Multiplique-se como os grilos, torne-se numerosa como os gafanhotos.*

Percebe-se claramente no texto que as expressões *fogo* e *espada* referem-se justamente a soldados e armas, respectivamente, que estão tomando a cidade, ou seja, *devorando-a como gafanhotos*. Certamente que os textos sugerem o poder, número e invencibilidade de um exército. Expressam quão poderosas eram as forças que derrotaram e destruíram a terra. Andiñach (2014) salienta que o uso do gafanhoto como metáfora para exércitos humanos encontrava-se espalhado na literatura antiga e sugere que a linguagem e imagem em Joel - e Naum - são semelhantes ao de ataques militares descritos em outros livros proféticos. Poderíamos qualificar a ação do exército como causadora do terror entre os povos.

Retrato em preto e branco da Violência em Israel

Os profetas de Israel não podem ser compreendidos como pessoas que apenas imaginavam profeticamente seus discursos. Eles não inventavam sua mensagem. Ao contrário, eles tinham hora e local. Os profetas podiam ser encontrados em meio ao "olho do furacão" dos acontecimentos que os cercavam e, desde essa complexa situação, interpretavam os sinais dos tempos que atingiam a si mesmos bem como ao seu povo. E, de acordo com Wenin (2006: 152) *a sociedade engendrada pelo desenvolvimento do poder monárquico tornou-se um campo de injustiças cada vez mais clamorosas*.

Profeta bíblico algum vivia sua vocação profética alienado da realidade. A própria realidade era a fonte de onde retirava os elementos que comporiam seu discurso profético. Pode-se dizer que a profecia é alimentada a partir das contradições da história e, por isso, os profetas se faziam atentos àquilo que os cercava com o objetivo de comunicar a palavra de Javé. Diante de seus olhos estava o destino de seu povo e o destino de sua palavra profética.

A preocupação final de cada um deles estava relacionada com a precariedade de vida imposta à sociedade, principalmente a vida - ou falta de vida - dos mais pobres. E, por causa disso, não desviavam os olhos daquilo que observavam. Estavam inseridos no centro de um tempo de precariedade e é a partir da precariedade das relações sociais e fraternas que já não existiam que eles apresentavam a palavra de Javé. Os profetas de Israel não

se relacionavam com situações abstratas. Diante deles se encontravam uma série de problemas concretos. Eles denunciavam a pobreza como um mal, como resultado da injustiça praticada pelos poderosos. A partir do critério utilizado pelos profetas não é possível aceitar a pobreza, a violência e a injustiça que a gera. Seria o mesmo que retornar à experiência de escravidão sob o jugo egípcio (Deuteronômio 5.15; 16.22). Por causa disso, ao denunciar a pobreza e a violência, os profetas também incluíam em suas mensagens as causas que favoreciam essa situação e aqueles que dela se beneficiavam. Isso significa que os profetas não somente discorreram a respeito das situações de violência e opressão, mas também indicaram aqueles que eram os responsáveis por ela. Dessa forma, eles acabaram por demonstrar que a pobreza e a violência não eram o resultado do destino ou da vontade de Deus. Basicamente entenderam que era consequência da ação daqueles que estavam denunciando.

A intervenção social dos profetas demonstrava a consciência de uma falha no tecido social da vida israelita. A acusação deles é por demais grave: a base de convivência humana desapareceu completamente. Roubos, assassinatos, escravidão, luxo, exploração, despotismo se tornaram ações corriqueiras. Os profetas denunciavam que, de uma sociedade organizada de forma coletiva e fraterna, passava precipitadamente a um modelo que girava ao redor de interesses individuais. A monarquia estava transformando o Estado agrícola em Estado comercial e, conseqüentemente, deslocando o centro de gravidade do campo para a cidade. Ao lado do comércio prosperava o interesse pelo lucro desmedido. As exportações aumentavam num ritmo alucinante ao mesmo tempo em que escasseavam o pão na mesa dos pobres camponeses e iniciava-se, dessa forma, uma vertiginosa diferenciação de camadas sociais. Abundância e miséria não estavam distribuídas isonomicamente: alguns poucos seguiam sua vida acumulando terra sobre terra enquanto outros precisavam necessariamente vender suas terras a fim de sobreviver em época de seca. Na verdade, estamos diante de uma crise de solidariedade que se instala dentro da antiga organização do sistema tribal muito conhecida dos profetas. E, de acordo com Verkindére (2004: 29), nessa sociedade monárquica em que os profetas viviam e exerciam sua vocação, o

dinheiro também é rei e do despotismo absoluto: o povo está à mercê dos credores que podem reduzir à escravidão todo aquele que não paga as dívidas.

A consciência dos profetas de que a violência ameaçava a vida e a continuidade da comunidade era real. Por isso, procuravam interpretar a sociedade de seu tempo a partir das múltiplas contradições sociais. Alguns textos sugestivos:

Anunciem nos palácios de Asdode e do Egito o seguinte: "Reúnam-se nos montes que ficam ao redor de Samaria e vejam a desordem que existe na cidade e os crimes que são cometidos". O povo de Samaria não sabe fazer nada com honestidade, e os seus palácios estão cheios de coisas roubadas com violência" (Amós 3.9-10).

Assim diz o Senhor: por três delitos e por quatro não o perdorei. Porque vende o inocente por dinheiro e o pobre por um par de sandálias; pisoteiam aos pobres e evitam o caminho dos humildes; pai e filho abusam da empregada; e se assentam sobre a roupa deixada como fiança junto a qualquer altar, bebem vinho de impostos no templo de seu Deus (Amós 2.6-8).

Em vez de praticarem a justiça, vocês praticam a injustiça e não respeitam o direito dos outros. Vocês têm ódio daqueles que defendem a justiça e detestam as testemunhas que falam a verdade; vocês exploram os pobres e cobram impostos injustos de suas colheitas. Por isso, vocês não vão viver nas casas luxuosas que construíram, nem chegarão a beber o vinho das belas parreiras que plantaram. Vocês maltratam as pessoas honestas, aceitam dinheiro para torcer a justiça e não respeitam o direito dos pobres (Amós 5.7, 10-12).

A cidade de Jerusalém era fiel a Deus, mas agora está agindo como prostituta. Estava cheia de gente boa e honesta, mas agora só ficaram assassinos. Seus chefes são bandidos e sócios de ladrões. Estão sempre aceitando dinheiro e presentes para torcer a justiça. Não defendem o direito dos órfãos e não se preocupam com as causas das viúvas (Isaías 1.21,23).

Escutem, líderes e autoridades de Israel! Vocês odeiam o que é bom e torcem a justiça. Vocês estão construindo Jerusalém, a cidade santa, sobre um alicerce de injustiças e de crimes de sangue. As autoridades de Jerusalém aceitam dinheiro para torcer a justiça, os sacerdotes cobram para ensinar e os

profetas exigem pagamento para adivinhar o futuro (Miquéias 3.9-11).

Escutem, líderes e autoridades de Israel! Vocês deviam praticar a justiça e, no entanto, odeiam o bem e amam o mal. Vocês tiram a pele do meu povo e arrancam a carne dos seus ossos. Vocês devoram o meu povo: arrancam a pele, quebram os ossos e cortam a carne em pedaços, como se faz com a carne que vai ser cozinhada (Miquéias 3.1-3).

Ai de Jerusalém, cidade rebelde e cheia de corrupção, que persegue seus moradores. As suas autoridades são como leões que rugem, e os juízes são como lobos ferozes que devoram tudo de uma vez, sem deixar nada para o dia seguinte. Seus profetas são temerários e homens desleais. Seus sacerdotes profanam o sagrado e violentam a lei (Sofonias 3.1, 3-4).

Muitos outros textos poderiam ser acrescentados a fim de indicar a amplitude do tema: Amós 6,3; Jeremias 6,7; 13,22; 20,8; 22,3; 51,35; Ezequiel 7,23; 8,17; 12,9; 22,16; 28,16; 45,9; Hebreus 1,2; 2,8; Isaías 59,6; 60,18; Joel 4,19; Abdias 10; Sofonias 1,9; 3,4; Jonas 3,8; Malaquias 2,6; Miquéias 3,1-13; Salmos 73,6.

A identidade de quem sofre a Violência e seus responsáveis

A injustiça e a violência atingem pessoas reais. Homens e mulheres que têm endereço, família e direito à vida. Mas que, entretanto, lhe são negados. Quem são as vítimas da violência? As vítimas ocupam lugar de relevância na literatura bíblica: o indivíduo concreto e sua família aparecem como vítimas dos opressores. Pessoas que foram submetidas à violência e à injustiça e, conseqüentemente, se tornaram pobres. Os pobres da Bíblia são os pobres reais, em sentido sociológico. Pessoas com menos possibilidade de se realizarem na sociedade, de desenvolver sua criatividade, de ser autônomo e livre.

Os termos no quadro abaixo englobam as pessoas que padecem as injustiças das autoridades, a cobiça dos falsos profetas, a corrupção dos que detém todo tipo de poder. Essas vítimas pertencem sem dúvida à população camponesa, mas não podemos excluir outros grupos, localizados talvez em

Jerusalém. São pessoas inocentes, que morrem nas mãos de criminosos (Jeremias 2.34), sem que os reis façam alguma coisa (Jeremias 22.3); pobre gente despojada de tudo (Jeremias 5.25-28); imigrantes, órfãos e viúvas oprimidos, sem que ninguém defenda seus direitos (Jeremias 7.6; 22.3); escravos submetidos ao vaivém das decisões arbitrárias de seus donos (Jeremias 34.8-22); operários que devem trabalhar de graça por vontade de um rei injusto (Jeremias 22.13).

Também encontramos os termos que se referem aos agentes da violência. Grupos que detêm o poder político, econômico, social e religioso são frequentemente relacionados como os sujeitos causadores da opressão e da violência. A acusação profética contra os ricos das cidades, grandes proprietários de terras, classes dirigentes e outros mais, indicam uma crítica total que afeta tanto as pessoas privadas quanto ao próprio sistema. Pessoas que se aproveitavam dos fatos e fomentavam situações injustas que tanto os beneficiavam.

Vítimas	Agentes da violência e opressão
pobre	chefes políticos
fraco	chefes militares
justo	reis, filhos do rei, rainha
indigente	arrecadadores de impostos
estrangeiro	usurários
órfão	senhoras nobres
viúva	credores
assalariado	sacerdotes e falsos profetas
escravo	latifundiários
trabalhador	juízes
jovem	ministros do rei

Diante do exposto parece que estamos diante de uma situação de violência endêmica. Por onde quer que voltemos nossos olhos nos deparamos

com o grito de dor. Mas que prestemos atenção: nem todos estão vivenciando o mesmo cotidiano de dor. Ao contrário, há grupos que são vítimas e outros grupos que produzem as vítimas. De fato, estamos diante de uma sociedade onde não há a possibilidade de compartilhar os bens sociais com um espírito igualitário.

A pobreza bíblica, fruto da violência, nesse caso, não deve de forma alguma ser considerada uma situação resultante de uma lei natural ou como se fosse vontade divina. Não é nem lei natural, nem fatalidade e muito menos doutrina teológica. Contrariamente a essa concepção, Javé assume a responsabilidade pelo bem-estar dos desprivilegiados. Para os profetas a pobreza nunca foi compreendida como uma coisa neutra. E, da mesma forma, aos olhos deles Javé jamais poderia se revelar na história a partir da neutralidade. Profetas e Deus assumem posições em meio às pessoas que vivem na e a partir da pobreza! Na literatura bíblica, principalmente nos profetas, a pobreza é sentida e percebida como um escândalo intolerável e como resultado da violência e da injustiça (Epsztein, 1990: 134). Nesse sentido, a opressão é considerada um pecado e insulto contra Deus e sujeita a punição - Levítico 5,20-26; Deuteronômio 28,29; Salmos 72,4; Provérbios 14,31; Isaías 10,1-2. Ampliando o tema da violência a partir da linguagem teológica, Moltmann (1999: 130) ajuda-nos a ratificar tal compreensão ao afirmar que *os atos de violência de seres humanos contra seres humanos e de seres humanos contra criaturas mais fracas devem ser considerados pecados e constituem um crime contra a vida*. Gutierrez (1973: 369) reforça essa compreensão ao dizer que a *pobreza é para a Bíblia um estado escandaloso, atentatório da dignidade humana e, por conseguinte, contrário à vontade de Deus*.

O estudo do vocabulário hebraico a respeito da violência, da opressão e da consequente pobreza produzida, demonstra que os pobres são principalmente uma categoria definida pela sua condição material e social concreta. Gelin (1965: 19) propõe, por exemplo, que os profetas preferem *designações que fotografem o pobre concreto e vivo*. Os pobres não são simplesmente os que não têm, mas sim aqueles que são impedidos de ter e

ser, os que não têm possibilidades de realização como seres humanos, aqueles que foram reduzidos à impotência. No Antigo Testamento, o contrário dos pobres não são simplesmente os ricos; mais sim os "maus", os "orgulhosos", os "poderosos". Expressões que denotam agentes sociais que exploram, enganam, oprimem, esmagam e matam os pobres. O vocabulário hebraico para se referir à violência e à opressão é particularmente rico. Inicialmente, poderíamos explorar a riqueza vocabular nos aproximando dos muitos vocábulos que caracterizam os pobres no Antigo Testamento:

- *ebyôn*: o mendigo, aquele a quem lhe falta algo e espera de outra pessoa (Gutierrez, 1973: 370); refere-se à pessoa que faz uso da mendicância a fim de sobreviver. Essa palavra é usada 61 vezes no Antigo Testamento, sobretudo nos Salmos e nos Profetas.

- *dal*: débil, fraco e também franzino. É utilizado 48 vezes no Antigo Testamento de forma especial nos profetas, em Jó e nos Provérbios.

- *ani*: o encurvado, aquele que está sob um peso e que não é possuidor de toda a sua capacidade e vigor, o humilhado (Gutierrez, 1973: 370); aquele que se inclina, que cede, que se submete; uma pessoa que se encontra em posição de sujeição. Trata-se do termo mais utilizado no Antigo Testamento, isto é, 80 vezes e de forma especial nos Salmos e nos profetas.

- *rash*: pode significar indigente, aquela pessoa desprovida de tudo, ao necessitado.

- *miskén*: aparece somente 4 vezes no Antigo Testamento e se refere àqueles que dependem de outros para sobreviver e que estão submetidos a outras pessoas mais fortes.

- *anaw*: da mesma raiz que o termo anterior, mas que assumirá uma acepção mais religiosa, ou seja, o humilde perante Deus (Gutierrez, 1973: 370). Esse vocábulo se encontra 25 vezes no Antigo Testamento e de forma particular nos Salmos e nos profetas.

A fim de salientar a maneira como o Antigo Testamento sublinha a escalada da violência indico, resumidamente, algumas das principais palavras que descrevem a força da violência e da opressão que pesavam sobre o povo:

nagash: significa, fundamentalmente, levantar a caça, forçar bruscamente, impor tributo, oprimir com trabalho, sobrecarregar de trabalho ou, ainda, a opressão desumanizante. Os textos bíblicos

sugerem que quando um povo sofre a opressão, na verdade, está se negando a ele sua dignidade humana e reduzindo-o ao nível animal, ou seja, desumanizando-o. Vive-se dominado por outros ao invés de desfrutar da liberdade que Deus quis para eles como portadores de sua imagem (Gênesis 1,27-28). A etimologia ugarítica (oprimir com trabalho) pode estar refletida no uso contínuo de *nagash* no Êxodo para descrever os capatazes do faraó que oprimiam cruelmente aos israelitas (3,7; 5,6.10.13.14; Zacarias 9,8). *Os fatores por seu lado, oprimiam-nos dizendo: Terminem a tarefa diária que lhes foi determinada, como quando tinham palha* (Êxodo 5,13). Há por parte do opressor uma ansiedade para que o produto da exploração chegue logo às suas mãos. O produto da exploração deveria surgir num espaço de tempo cada vez mais rápido evidenciando, tanto o controle do corpo quanto do tempo. Os textos citados acima sublinham o fato de que o trabalho é uma das áreas onde mais ocorre a opressão. A manipulação de estruturas econômicas como meio de opressão se vê em muitos usos de *nagash*. Trata-se, segundo Tamez (1980: 20) de *exploração violenta, sobretudo por meio de trabalhos forçados*.

'anah: expressa, melhor do que qualquer outra palavra, algo das profundas dimensões psicológicas da experiência de opressão e degradação do ser humano (Tamez, 1980: 19) ou, ainda, a humilhação que sentem os oprimidos. Dos 85 casos em que aparece seu uso maior se faz na raiz intensiva, podendo significar: oprimir, fazer alguém sentir sua dependência, humilhar, angustiar, afligir, violentar (uma mulher). Trata-se da degradação do ser humano; da apropriação de sua imagem divina; desumaniza-se o ser humano voluntariamente: *Eu vi a degradação do meu povo no Egito; eu ouvi os seus clamores contra os opressores, prestei atenção aos seus sofrimentos* (Êxodo 3,7); *Não, meu irmão, não me forces pois não se faz isto em Israel. Não cometas esta infâmia. Mas ele não quis dar-lhe ouvidos; subjugou-a e, forçando-a", deitou-se com ela* (2 Samuel 13,13). Não existe nos relatos bíblicos a afirmação de que o ser humano voluntariamente queira sentir a humilhação, degradação ou a opressão. A opção não é pela dor e, sim, pela libertação.

'ashaq: seu primeiro sentido designa oprimir, obter pela força, tomar por extorsão. O verbo pode designar várias formas de injustiça, entre elas: explorações econômicas, sentenças injustas, administrações arbitrárias e medidas violentas ou ainda, a injustiça da opressão. Eclesiastes 4,1 ilustra muito bem esse sentido: *Examinei também as opressões que se cometem debaixo do sol. Aí está o choro dos oprimidos, e não há quem os console; ninguém os apoia contra a violência de seus opressores*. As perversões dos opressores são violações que incidem diretamente na vida das vítimas. São ações mortais, já que lhes tiram seus meios de subsistência: *O homem*

malvado que oprime os fracos é como chuva devastadora que deixa sem pão (Provérbios 28,3). O objetivo principal do sujeito desse tipo de violência é acumular riquezas, e essas só podem ser acumuladas despojando e causando o empobrecimento do próximo. Outros textos que demonstram a relação entre opressão e pobreza: Salmos 146,7; Deuteronômio 24,14; Jeremias 21,12; Ezequiel 22,29; Amós 4,1; Miquéias 2,2; Malaquias 3,5. Hanks afirma (1982: 22) que *com frequência os contextos bíblicos onde ocorre 'ashaq refletem algo de injustiça, força ou violência*.

lahats: possui o significado de apertar, acossar, oprimir ou, ainda, a dor que os oprimidos sentem. Um tipo de opressão que leva a vítima a gritar. Chega um momento em que a intensidade da dor provoca um pranto insuportável. Não se trata de uma angústia psicológica, ao contrário, é uma dor provocada por fatos concretos, por exemplo, os escravos oprimidos brutalmente pelos capatazes do Egito precisavam produzir com urgência o produto exigido e, diante de tamanha violência, a brutalidade se expandia até o mais íntimo de cada um dos escravos, fazendo-os gritar.

daka': esta palavra parece ser a raiz mais forte para indicar a violência e suas consequências fatais, podendo significar triturar, pulverizar, ser esmagado, ser moído, ser abatido: *Trituram teu povo, Javé, oprimem a tua herança* (Salmos 94,5). Uma clara indicação que o povo está sofrendo as dimensões mais profundas e desumanas da opressão. *Daka'* ilustra, portanto, um alto grau de desumanização e de despersonalização (Tamez, 1982: 48). Contudo, pode também designar a ação libertadora de Javé: *esmaga o opressor, pulveriza as ações dos grandes* (Jó 34,25). *'Anah* e *daka'* são quase os únicos verbos nos quais Deus também aparece como agente.

yanah: traz o sentido de explorar, dominar com brutalidade, suprimir e escravizar, isto é, uma opressão escravizante (Hanks, 1982: 26). Semanticamente estamos ao redor de experiências de roubo, espoliação e violência mortal. Nos profetas Ezequiel e Sofonias a opressão aparece através dos atos de príncipes, juízes, profetas e sacerdotes. Toda a classe influente conspira contra os desfavorecidos, oprimindo-a até assassiná-la. O fim principal de seus atos não é simplesmente a demonstração da maldade, mas sim a acumulação de riquezas: *aceita-se o suborno, apoderando-se de bens e joias, matando as pessoas para roubar seus haveres* (Ezequiel 22,12). Quase sempre o verbo ocorre em um contexto que menciona os pobres, imigrantes, viúvas, órfãos, etc. como objetos de opressão, e como fracos que são estão mais susceptíveis dos abusos dos mais fortes (Hanks, 1982: 27).

ratsats: pode significar quebrantar, pisar, esmagar. Na sua forma intensiva significa "oprimir atrozmente" (Tamez, 1980: 57) ou, ainda, a

brutalidade da opressão: *Porque explorou e deixou em desamparo os pobres e se apropriou de coisas que não havia construído* (Jó 20,19). É uma palavra que ocorre para expressar tanto as injustiças de um país quanto as injustiças da opressão internacional. *Expressa fortemente as consequências brutais da opressão* (Hanks, 1982: 32).

As sete palavras descritas acima fazem parte da categoria básica da teologia bíblica da violência. Todavia, ainda é possível olhar especificamente para a literatura profética e perceber pelo menos três expressões que precisariam ser salientadas e investigadas:

A primeira das expressões nos mostra que uma das acusações mais comuns encontradas nas narrativas proféticas é o derramamento de sangue/assassinato. *Suas mãos estão cheias de sangue* diz Javé a seus possíveis adoradores em Isaías 1,15; a Canção da Vinha em Isaías 5,1-7 finaliza com a seguinte afirmação: *Eu esperava deles a justiça e encontrei derramamento de sangue...*; em Miquéias 3,10, por sua vez, encontramos, *aqueles que construíram Sião com sangue e Jerusalém com perversidade*; Jeremias ecoa a mesma situação em seu ataque ao uso da corveia por Joaquim quando da construção de seu palácio: *seus olhos e coração estão colocados sobre o lucro e em derramar sangue inocente* (22,17); e, finalmente, a condenação de Jerusalém em Ezequiel 22 é centrada no derramamento de sangue inocente e anunciada na frase *a cidade de sangue e uma cidade que derrama sangue em si mesmo* (22,6.25.27).

A segunda expressão nos impõe a percepção de que violência e coerção andam de mãos dadas. Se em Ezequiel 22 a cidade está *cheia de sangue*, em Ezequiel 7,13 ela está *cheia de violência*. Em Amós 3,10, por exemplo, encontramos a palavra *hamas*/violência ligada ao tema da destruição. Hanks (1982: 129-130) e Pons (1981: 28), chegam a afirmar que *hamas* é a raiz básica para expressar a violência e observa que o substantivo ocorre 60 vezes enquanto que o verbo apenas 8 vezes. Seria possível afirmar que *hamas* caracterizaria a diminuição dos direitos e dos espaços de vida das pessoas assim como abrangeria toda gama de comportamento antissocial em franca oposição à prática da justiça e do direito. Mais do que isso e incisivamente, Pons (1981: 29) afirma que *hamas* pode e deve ser considerado também

como traição, traição do outro, uma traição da própria razão de ser, isto é, *hamas* seria o mal social por excelência. A literatura profética, a sapiencial, os textos narrativos e os legislativos, todos eles, empregam *hamas*. E, além disso, podemos perceber os “receptores” ou “vítimas” do *hamas*, entre eles, Israel como nação, o povo diante do rei ou dos líderes, um grupo diante da opressão dos outros, os pobres, o justo e o inocente, o estrangeiro, o órfão e a viúva.

A mesma hendiádes *hamas wasod* (violência e rapina/destruição) reaparece em Jeremias 6,7; Ezequiel 45,9; Habacuc 1,3, 2,17 associados à opressão violenta. Amós as encontrou na Samaria e Jeremias em Jerusalém. Sicre (1990: 151) nos informa que os campos semânticos de *hamas* podem ser reduzidos a três grupos, ou seja, a violência, a exploração e o desprezo para com a palavra e que, por sua vez, a violência poderia ser subdividida em quatro componentes: a guerra, a destruição da natureza, a violência sexual e a violência social. Stoebe (1997: 437) afirma que a literatura profética frequentemente usa *sod* como um sinônimo para *hamas*, salientando que a possível diferença entre eles é a de que *sod* salientaria um fazer ativo e, *hamas*, por sua vez, a consequência da ação. A prática do *hamas* seria, portanto, a própria negação de Deus.

E, por fim, a terceira expressão, diz respeito a uma palavra especialmente comum em Jeremias (6,13; 8,10; 22,17; 51,13) – *besa'* – que é costumeiramente traduzida como “ganho injusto” ou “lucro”. Dreher (1992: 16) afirma que *o substantivo é normalmente traduzido por lucro ilícito. Em alguns casos pode assumir o sentido de 'ganância, avareza'. Na esmagadora maioria dos casos, porém, o seu significado é eminentemente pejorativo, estando relacionado a outras palavras que designam 'suborno, opressão, exploração'*. Os opressores são acusados de ter seus olhos sobre o que poderiam ganhar ou perseguir o lucro excluindo qualquer tipo de consideração moral: *seus olhos repousam sobre o nada, mas em seu próprio lucro/tributo* (22,17). Em Ezequiel 22,13 é usado para Jerusalém e ligado com o sangue que ela derramou e em Ezequiel 22,27 o termo define o motivo dos oficiais (*sarim*) se comportarem como lobos a fim de arrecadarem

lucro/tributo. É interessante salientar que o retrato do homem justo em Isaías 33,15 inclui a frase *evitar o lucro derivado da opressão (besa maasaqqot)*. A conclusão parece óbvia, ou seja, o Antigo Testamento condena absolutamente a violência (Salmos 11,5; Isaías 53,9b; Provérbios 3,31).

Conclusão

Se nossos olhares estavam direcionados ao Antigo Testamento, se faz necessário agora, voltá-los ao Novo Testamento e repousá-los em Jesus. Assim, reproduzo e sigo fielmente a intuição de Rossi (2002: 215):

A partir da experiência de um Deus não violento e solidário, Jesus propõe uma prática de resistência não violenta à injustiça que provoca a violência. E, nesse sentido, a solução seria a de organizar a sociedade não no rumo e no ritmo da violência, mas no rumo e no ritmo da solidariedade e da compaixão. Para tornar a violência desnecessária é necessário fazer justiça a todas as pessoas que vivem sem ela. Talvez seja essa a meta diante do desafio da violência: a criação de relações de comunhão dos seres humanos entre si a fim de que, através da comunhão fraterna e solidária, os atos violentos sejam banidos. Assim sendo, faz-se necessário viver o discipulado de Jesus de uma maneira que nos liberte da violência cotidiana que se apodera facilmente de todos, desmascarando a falta de humanidade contida em toda sociedade que se constrói sobre a violência e vive indiferente ao sofrimento das vítimas.

Assim, somente se pode criar relações não violentas com Deus se tornando responsável por uma outra pessoa. Sem a aproximação do próximo e do sentido dele para a nossa vida, é impossível captar o sentido de Deus para nós próprios.

Referências Bibliográficas

ANDINACH, Pablo. *Introducción hermenêutica al Antiguo Testamento*. Estella: Verbo Divino, 2014.

BRIGHT, John. *História de Israel*. São Paulo: Paulus, 2003.

BRUEGEMANN, W. *A imaginação profética*. São Paulo: Paulinas, 1986.

- DREHER, Carlos. *A formação social do Israel pré-estatal*. São Leopoldo: CEBI, 1992
- EPZTEIN, L. A. *Justiça social no antigo oriente Próximo e o povo da Bíblia*. São Paulo: Paulinas, 1990.
- FINKELSTEIN, I. & SILBERMAN, Neil. A. *A Bíblia desenterrada: nova visão arqueológica do antigo Israel e das origens dos seus textos sagrados*. Petrópolis: Vozes, 2018.
- GELIN, A. *Los pobres de Yahvé*. Barcelona: Sígueme, 1965.
- GOTTWALD, N. K. *As tribos de Iahweh*. São Paulo: Paulinas, 1986.
- GUTIERREZ, Gustavo. *Teología de la liberación*. Salamanca: Sígueme, 1973.
- HANKS, Tomás. *Opresion, pobreza y liberacion: reflexiones bíblicas*. Costa Rica: CELEP, 1982.
- JENSEN, J. *Dimensões éticas dos profetas*. São Paulo: Loyola, 2009.
- MOLTMANN, Jurgen. *E espírito da vida*. Petrópolis: Vozes, 1999.
- NOVA BÍBLIA PASTORAL. São Paulo: Paulus, 2014
- PIXLEY, J. *História de Israel a partir dos Pobres*. Petrópolis: Vozes, 1989.
- PONS, Jacques. *L'Opresion dans L'Ancien Testament*. Paris: Letouze et Ané, 1981.
- ROSSI, Luiz Alexandre Solano. Esperança e justiça em um mundo de violência. In: *Teologia e Cultura*. São Paulo: Paulinas, 2012.
- _____. *Deus se revela em gestos de solidariedade*. São Paulo: Paulus, 2010.
- _____. *Cultura militar e de violência no mundo antigo*. São Paulo: Annablume, 2008.
- SCHWANTES, M. *História de Israel*. Rio de Janeiro: CEDI, 1992.
- SICRE, J.L. *A justiça social nos profetas*. São Paulo: Paulinas, 1990.
- _____. *Profetismo em Israel*. Petrópolis: Vozes, 1999.

STOEBE, H.J. *Theological Lexicon of the Old Testament*. Vol. I JENNI, E. & WESTERMANN, C. (Ed.). Massachusetts: Hendrickson Publishers, 1997.

TAMES, Elza. *A Bíblia dos oprimidos*. São Paulo: Paulinas, 1980.

VERKINDÉRE, Gérard. *A justiça no Antigo Testamento*. Lisboa: Difusora Bíblica, 2004.

WENIN, André. *O homem bíblico: leituras do primeiro testamento*. São Paulo: Loyola, 2006.